

**ALL-WOMEN ART SPACES IN EUROPE IN THE LONG 1970S,
AGATA JAKUBOWSKA E KATY DEEPWELL (EDS.)****Liverpool: Liverpool University Press, 2018, 285 pp**

Maria Luísa Coelho*

marialuisa.coelho@merecat.co.uk

Editado por Agata Jakubowska e Katy Deepwell (esta última sobejamente conhecida pelo seu contributo para o desenvolvimento e visibilidade da crítica feminista nas artes visuais através da, recentemente extinta, revista *n.paradoxa*), *All-Women Art Spaces in Europe in the long 1970s* é uma coleção de ensaios fascinantes e imprescindíveis para um estudo amplo e plural dos feminismos artísticos europeus. Este volume insere-se na atual tendência apresentada pela crítica e pelo movimento feministas, no sentido de uma descentralização e revisão da dialética centro-periferia, subjacente não só ao pensamento ocidental em geral, mas também à crítica feminista¹; tal paradigma tem sido marcado pela experiência e o discurso anglo-americanos, frequentemente entendidos como origem de uma arte e crítica feministas. O propósito do volume é por isso traçar um arco de análise bem mais alargado, de forma a compreender e articular dialogicamente práticas e eventos cuja existência seria anteriormente compreendida como periférica e derivativa, quando não completamente remetida à invisibilidade, ao silêncio e à ignorância.

De facto, como as editoras referem nos primeiros momentos do seu texto introdutório, que é também um ensaio riquíssimo na sua capacidade de relevar as linhas centrais dos outros capítulos e articular aquilo que une e distingue diferentes contextos socioculturais, no que é uma verdadeira e frutífera proposta comparativa: “Although an international view of feminist art has been available since the mid-1970s, the specific historiography of feminist art in a global context has only started to be developed comparatively recently” (p. 1). Para essa renovação de perspetiva de que falam as autoras muito contribuíram exposições de grande sucesso apresentadas nos últimos dez anos (tais como *Wack! Art and the Feminist Revolution*, em 2007, e *elles@centrepompidou*, em 2009–10, que, aliás, Jakubowska e Deepwell também mencionam), bem como recentes

* CEHUM – Universidade do Minho, Portugal.

¹ Veja-se a este propósito Haas, R. (2015). *Rewriting academia: The development of the anglicist women's and gender studies of continental Europe*. Frankfurt am Main: Peter Lang, por mim revisto em *Diacrítica*, 31(2), 267–70, que também oferece uma perspetiva descentralizada.

trabalhos de investigação, que levaram a uma maior visibilidade de mulheres artistas a operarem para lá do contexto estritamente anglo-americano. Para além disso, ao centrarem-se exclusivamente em exposições relativas ao período compreendido entre o Maio de 68 e meados da década de 80 do século XX (quando novas e profundas alterações nas sociedades ocidentais, nomeadamente o desenvolvimento de uma economia e cultura neoliberais, esmorecem o radicalismo e a energia da década anterior), os ensaios que compõem o presente volume enquadram-se num movimento mais lato de reflexão e reavaliação das lutas sociais e reivindicações identitárias de meados do século XX, que pode ser encontrado em outros contextos que não apenas os da arte e da crítica feministas. Finalmente, ao cingir-se a espaços alternativos ou de resistência à cultura dominante e a atividades artísticas realizadas por, sobre e frequentemente para mulheres – sendo que o enfoque são iniciativas expositivas; mas a reboque também se discutem organizações que estão por detrás desses eventos públicos, como associações sindicalizadas, grupos de apoio, clubes de artistas e projetos colaborativos — *All-women art spaces* abre novos caminhos no domínio dos estudos museológicos e de curadoria. Assim, se a presença/ausência de mulheres artistas nas paredes dos museus e galerias de arte sempre interessou e exasperou a crítica e história de arte feministas (basta lembrar as ações irónicas e subversivas das *Guerrilla Girls*) a questão tem vindo a ser objeto de uma renovada atenção, que se prende igualmente com a importância atribuída ao arquivo (Derrida algo premonitoriamente chamou-lhe a ‘febre do arquivo’), uma questão à qual muitos dos textos que compõem o volume atribuem considerável espaço de análise.²

O volume destaca-se por uma grande diversidade de ensaios, abrangendo uma variedade de locais (sendo que a matriz nacional é algo nebulosamente justificada na introdução como uma forma de dar visibilidade a uma pesquisa contínua e local) que vão do norte (Suécia, Dinamarca, etc.) ao sul (Portugal, Itália e Catalunha) da Europa, passando, ainda que de forma menos diversificada, pelos países de Leste (como Polónia e a antiga RDA). Esta pluralidade permite ao leitor de *All-women art spaces* realçar pontos de contacto entre diversas realidades, mas também importantes diferenças. De facto, por um lado, muitos dos capítulos destacam a dimensão transnacional do movimento e arte feministas, um aspeto que é frequentemente referido como resultado de redes transnacionais, muitas das quais permaneceram à margem da ‘narrativa oficial’ (quer entendida enquanto modelo de arte dominante, quer enquanto história da arte feminista), bem como um espírito de colaboração e partilha de experiências entre as mulheres envolvidas em vários projetos e exposições e que dessa forma contrariaram os dominantes princípios individualistas na produção da arte; por outro lado, a atenção dada às especificidades locais (do ponto de vista social, político e cultural) permite entender de que forma essas mesmas especificidades circunscreveram e limitaram a realização de

² *Vd.* K. Deepwell, (2006). *Feminist curatorial strategies and practices since the 1970s*. In J. Marstine (Ed.), *New museum theory and practice: an introduction* (pp. 64–84) Malden: Blackwell Publishing; A. Angela Dimitrakaki & L. Perry (2013). *Politics in a glass case: Feminism, exhibition cultures and curatorial transgressions*. Liverpool: Liverpool University Press; G. Pollock. (2007). *Encounters in the virtual feminist museum: time, space and the archive*. Abingdon: Routledge. Embora o livro de Pollock seja uma proposta virtual e utópica de um museu feminista, ela existe em evidente contraponto aos modelos dominantes de museu de arte.

exposições e atividades organizadas por mulheres, a divulgação do movimento feminista e a circulação e colaboração das artistas. É então a partir de uma análise comparativa dos diversos capítulos que é possível contrastar a grande vitalidade, o empenho político e o ativismo de muitas das mulheres envolvidas no movimento e arte feministas em regimes democráticos do norte da Europa com as dificuldades com que as artistas se depararam em regimes totalitários, quer fascistas, quer comunistas, que dominaram o sul e o leste da Europa no período em discussão; aí, a narrativa ditatorial ou a contra-narrativa revolucionária deixaram pouco espaço discursivo para a diferença de género (sendo que o caso de Portugal surge como o mais extremo de entre os apresentados). No entanto esse binarismo norte-sul (que se justapõe ao de centro-periferia) e os juízos de valor a ele associados são implicitamente desconstruídos em vários capítulos e em particular no estimulante texto de Nina Hoechtl e Julia Wieger, artistas que revisitam o arquivo da Associação Austríaca das Mulheres Artistas para dar visibilidade aos ângulos mortos e aos momentos silenciados da história da associação da qual fazem parte (neste caso um passado de protesto político mas também de convivência com o socialismo nacionalista e xenófobo). Neste, como em outros textos do volume, procura-se ir para lá de uma leitura hegemónica e linear, produzindo, em alternativa, uma análise multifacetada, quando não mesmo contraditória.

All-women art spaces é assim uma proposta bibliográfica que, através da análise histórica e geograficamente situada de espaços alternativos declinados no feminino, acaba por destacar, algo paradoxalmente, a unidade ou continuidade do movimento e arte feministas e, simultaneamente, a sua diversidade. Desse modo, contesta-se aquele que é o predominante e monolítico entendimento desses movimentos e, subjacentemente, a subalternização e invisibilidade de outras narrativas e experiências, procedendo-se, então, não só a uma revisão da arte feminista e de mulheres, como também da sua própria história. Em última análise, o livro de Jakubowska e Deepwell sugere ao leitor que a sobrevivência e a vitalidade da crítica e da arte feministas passam necessariamente por um processo de autoquestionamento.

[recebido em 15 de fevereiro de 2019 e aceite para publicação em 31 de julho de 2019]